

JOSÉ ALBANO, POETA UNIVERSAL

F. S. Nascimento

Num breve comentário ao livro de Artur Eduardo Benevides — **A Rosa do Tempo ou o Intérmino Partir** —, afirmei incisivamente: “Qualquer que seja o ponto de partida ou o fulcro inspirador — Camões, Rilke ou Fernando Pessoa —, o poeta se obriga a assinar compromisso com a realidade do seu tempo, conhecendo a diáspora que aturde e reconhecendo a mentira que revolta (ou acalenta) o homem contemporâneo.

Já agora, ocupando uma posição diametralmente oposta, vou ao encontro do vulto centenário de José Albano, um poeta que, partindo de Homero, Virgílio, Camões, Antônio Ferreira e Sá de Miranda, resistiu a qualquer idéia de comprometimento com a realidade de sua época, situando suas produções numa esfera temporal em que se desenvolveu o renascentismo português.

Neste jogo de antíteses, entro em defesa da atitude criadora mais insólita da história da literatura brasileira, apoiando-me, para isso, nos juízos de eminências literárias da estirpe de Agrippino Grieco, Manuel Bandeira, Alceu Amoroso Lima e Braga Montenegro. Buscarei, em breves palavras, demonstrar que foi José Albano o único poeta brasileiro a transcender o deslinde convencional da nacionalidade, edificando uma obra inteiramente firmada em valores universais e eternos.

Veremos que a afirmação tem fundamento, pois tirante a “Canção a Camões” e a “Ode à Língua Portuguesa”, em que se individualiza a marca de uma nacionalidade, todas as demais produções compreendidas nas **Rimas** de José Albano se assentam em formas, conceitos e sentimentos universais. Isso nos

leva à convicção de que, vertida para qualquer idioma, essa universalidade poderá ser decodificada e fruída com idêntico proveito lúdico ou especulativo.

Seria temerário afirmar que, dentro do passado em que viveu, José Albano haja rompido a atmosfera clássica formada pela tradição greco-latina. É que existem indícios de que as bases de sua poesia tenham se assentado em Antônio Ferreira, Sá de Miranda e Luis de Camões ou, conforme Mário Gonçalves Viana, nos modelos romanos cuja imitação cuidadosamente introduziram na literatura portuguesa.

Em favor de José Albano será difícil a verificação em que fique cabalmente comprovada, se não a imitação, mas a função recriadora sobre esses modelos do renascimento português. Difícil, pela acusação que se faz a Sá de Miranda de imitador de Ariosto, Plauto e Terêncio, e de Antônio Ferreira de patriarca da escola literária estrangeira, em oposição a Gil Vicente, a quem se atribui a criação de um teatro fundamentalmente nacional.

Ressalve-se, todavia, que foi em Luis de Camões que José Albano fixou as bases de sua poesia. Desse modelo, seduziu-lhe mais o romântico do que o épico, nisso concordando com Almeida Garrett, que viu em alguns cantos d'**Os Lusíadas**, mas sobretudo na lírica ou canções do imenso poeta a melancolia suavíssima própria de um romântico. Isso está sobejamente expresso no extraordinário soneto em que diz:

“Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.”

Concentrando-se na personalidade literária de José Albano, Agrippino Grieco foi direto ao fulcro desse procedimento romântico, afirmando: “Há um sabor de alma nos seus versos líricos, que prendem pela profundidade da emoção, ao mesmo tempo que nos encanta pela doçura prosódica, versos reveladores de uma sensibilidade que vibrava ao mínimo toque, versos que valem por músicas visíveis ou por sonhos palpáveis, versos tão brandos como os vãos das névoas.”

Diante da magnitude da poesia de José Albano, também Alceu Amoroso Lima não conteve a sua linguagem crítica, ao afirmar que “as **Rimas**, compreendendo essa deliciosa **Comédia Angélica**, esses maravilhosos quatro sonetos em inglês, o **Triunfo** que é uma obra-prima, e os dez sonetos escolhidos pelo autor, que são seguramente dos mais belos que jamais foram escritos em nossa língua e mesmo em qualquer língua humana, — representam um imenso drama interior — uma incomparável realização de poesia pura.”

Em 1958, quando publicou seu excelente estudo sobre José Albano e sua obra, o nosso grande crítico Braga Montenegro defendeu a necessidade de uma investigação minuciosa dos aspectos formais das **Rimas**, justificando que somente uma abordagem com essa intenção prospectiva poderia explicar a natureza psicológica do poeta e sua índole artística.

Ficaria nisso a proposta de um ensaio interpretativo sobre José Albano, pois o próprio Braga Montenegro se limitou a reproduzir sua idéia em 1966, quando da reedição das **Rimas** nesse ano, por iniciativa da Universidade Federal do Ceará. Frustrada a propositura crítica, ficavam assentadas as linhas básicas para o grande estudo que dificilmente haverá de surgir.

É que, para um cometimento dessa magnitude seriam exigidos sólidos conhecimentos de história da literatura ocidental, filologia portuguesa, versologia e crítica literária. Ousaríamos dizer que um trabalho com esta ambição somente poderia ser realizado por uma equipe que reunisse homens do nível de Rodrigues Lapa, Celso Cunha, Péricles Eugênio da Silva Ramos e Leodegário de Azevedo Filho.

Pelo gigantismo da empresa, não se espere que isso venha a acontecer, mesmo porque existem outros temas bem mais atraentes e menos complexos, com possibilidades de serem desenvolvidos nas atuais teses de pós-graduação. Aliás, a condenação que se reserva à obra poética de José Albano depõe contra os nossos mestres de literatura ou crítica literária, pela razão de não enfrentarem, eles próprios, desafios como este que as **Rimas** do nosso poeta universal continuam a suscitar.

Tendo exercido com absoluto domínio técnico as mais diversas formas da escritura poética, foi na realização do so-

neto, da cantiga, do vilancete e da trova, que José Albano atingiu a plenitude, deixando uma obra que dignifica o Ceará e o Brasil, monumento literário de que nos orgulhamos e do qual fazemos este registro sem pretensões críticas.

Louve-se, por tudo isso, a iniciativa da escritora Cândida Maria Santiago Galeno e da diretora da União Brasileira de Trovadores, que nos reuniram, neste histórico sodalício, para celebrarmos o centenário de nascimento desse fabuloso poeta cearense que virou cidadão do mundo, modelando-se noutros grandes vultos da literatura ocidental. Glória, portanto, a José Albano pelas **Rimas** que nos legou e pela genialidade de fazer de si próprio uma das mais inconfundíveis tipificações de quixote da lira, das verdades eternas e do direito de sonhar.